

8ª aula

Cinco psicanálises

Cada uma das cinco psicanálises de Freud se presta a ilustrar uma hipótese conceitual: Dora ilustra a fantasia de sedução; Hans, o complexo de castração; o homem dos lobos, a cena primária. Estes três conceitos foram reunidos sob o termo de profantasias ou fantasias primárias, o que quer dizer que elas funcionam na teoria como axiomas. O homem dos ratos ilustra o complexo paterno, a função de suplência do Nome-do-Pai e Schreber ilustra o fracasso desta suplência, o fracasso da metáfora paterna.

Primeira supervisão psicanalítica

O caso de Hans¹, um menino de 5 anos, é um caso de fobia. Não se trata, a rigor, de uma análise dirigida diretamente por Freud. Era levada a efeito através do pai de Hans. Às vezes dizemos divertidamente que se trata da primeira supervisão psicanalítica de uma análise de uma criança.

A fobia de Hans é uma agorafobia

Toda fobia é uma manifestação sintomática do complexo de castração. Freud não quis classificar a fobia de Hans como uma agorafobia porque em presença do objeto contrafóbico a inibição da locomoção não se resolvia. A fobia de Hans parecia não ter relação com o espaço, com a locomoção mas com os cavalos. De imediato a angústia se converteu em medo de que um cavalo branco o mordesse. Ele chegou a ter medo de que um cavalo entrasse em seu quarto.

A fobia é o brasão da castração

¹ Cf. FREUD, S., “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos”, (1909), *ESB*, v. X. Nosso comentário está centrado basicamente no cap. III, parte (II).

A fobia não é uma estrutura. Não é tampouco um tipo clínico. Freud a concebia dessa maneira. Ele dizia que a fobia não tem uma posição definida na taxionomia. Parece ser uma síndrome, parece formar parte de várias neuroses, parece não ser um sintoma independente. Costumamos dizer, seguindo a orientação de Lacan, que a fobia é um significante que serve para tudo, que a fobia é uma plataforma giratória, uma encruzilhada, desde onde se toma a via da histeria ou da obsessão. Costumamos dizer que a fobia está para a neurose assim como a hipocondria está para a psicose. Isto significa que quando encontramos o sintoma fóbico podemos ter certeza que a psicose está excluída, porque a fobia é o brasão do complexo de castração, porque a fobia tem valor indicial forte de que o complexo de Édipo esteve em pleno funcionamento.

A fobia é o infantil

A fobia é o sintoma neurótico infantil por excelência. E porque definimos o infantil como a estrutura, isto é, como o efeito do significante na constituição do sujeito do inconsciente, diante deste sintoma temos certeza de que o sujeito atravessou para além de sua posição inicial de objeto que falta à mãe, de objeto condensador de gozo. É portanto um sintoma positivo.

A fobia é uma histeria de angústia

Freud prefere chamar a fobia de Hans de “histeria de angústia”. O termo se justifica da semelhança entre a histeria e a fobia. O traço distintivo é que a angústia na histeria de conversão se transmuda em um sintoma somático enquanto que na histeria de angústia se converte em fobia. Quando a fobia está plenamente constituída, o sujeito terá se livrado completamente da angústia na condição de subordinar-se a todos os tipos de inibições, precauções e restrições. São estas estruturas preventivas que dão forma a fobia e que nos levam a definir o desejo do sujeito fóbico como *desejo prevenido*.

A fobia de Hans

Um dia, quando estava na rua, Hans foi acometido de uma crise de angústia. Logo Freud descobriu que o motivo do sintoma, o ganho proveniente do sintoma era

o gozo incestuoso da mãe. Hans realizou em fantasia a possibilidade da relação sexual. O nascimento de Hanna, sua irmãzinha, também contribuiu para o desencadeamento desta crise. O desencadeamento do estado de angústia não foi tão repentino quanto parece. Dias antes Hans tinha acordado de um sonho de angústia, cujo sentido era que sua mãe tinha ido embora. Trata-se, para Freud, de um sonho típico de punição e recalque, um sonho que fracassou na realização do desejo de dormir. A angústia do sonho é uma expressão de um gozo incestuoso. Estava em jogo claramente o desejo da mãe, no duplo sentido do genitivo subjetivo e objetivo. Hans costumava demandar dormir com sua mãe. Ele também estava habituado a masturbar-se e o motivo de sua excitação era sem dúvida este objeto incestuoso.

A neurose acontece porque o pipi entra em ereção

O primeiro sentido da fobia de Hans era que um cavalo o morderia. Seguindo a orientação de Freud, seu pai lhe explicou que sua angústia era efeito da masturbação. Ele estava fazendo uma substituição, fazendo uma metáfora do desejo da mãe (aqui no sentido do genitivo objetivo) pelo temor de cavalos. Em seguida, ele reportou seu medo a uma cena em Gmunden: um pai se dirigira a sua filha na partida desta, com estas palavras de advertência: “Não ponha o dedo no cavalo; se você puser, ele vai morder você”. A proposição - *não ponha o dedo no*, é mais um exemplo de *alíngua*, porque se presta ao equívoco, porque pode se aplicar também à masturbação. Outrora chamamos isso de imagem oral indelével. A princípio, diz Freud, o que assustava Hans era sua própria indulgência masturbadora.

A suposição que estava em questão, na forma de um desejo recalcado e cuja natureza pulsional era escópica, era que Hans quisesse ver o pipi de sua mãe. Era esse, pelo menos, seu comportamento para com uma nova empregada, o que levou seu pai a lhe explicar que a mulher não têm pipi. Ele reagiu criando uma fantasia voyeurista de que tinha visto sua mãe mostrando o pipi dela. Esta fantasia tem seu correlato no exibicionismo que o levou a dizer que “seu pipi estava preso, no lugar”. A fantasia de que sua mãe estava fazendo o mesmo que ele tinha feito, de acordo com o - *tu quoque* - das crianças culpadas, permitiu entrever que o menino estava sob o efeito da ameaça de castração. Lacan diz que Hans vivia numa relação incestuosa imaginária com sua mãe até o dia em que um dado do real vem

embaraçá-los, até o dia em que seu pipi entra em ereção; ele se diverte com isso dizendo que a neurose acontece porque o pipi entra em ereção, que é isso o *troumatisme*.

A fobia é um pai

Hans continua a comunicar através da *fantasia das duas girafas* (às quais ele acrescenta, no desenho que seu pai faz, o pipi) seus desejos recalcados. Uma girafa estava gritando em vão porque ele havia tomado posse da outra. Ele representou o “tomar posse de”, pictoricamente, como “sentar em cima”. Seu pai reconheceu esta fantasia como a reprodução de uma cena de quarto, que se passava habitualmente de manhã. O pai e a mãe eram as girafas grande e pequena.

Seguem-se a esta fantasia incestuosa, duas fantasias criminosas nas quais seu pai participa como cúmplice - invadir um espaço proibido em Schönbrunn e quebrar uma janela de uma carruagem no Stadtbahn. Freud interpreta todo este complexo com a fórmula, segundo a qual, Hans estaria dizendo: “Eu gostaria de estar fazendo algo proibido com minha mãe, algo que você também está fazendo”. Segundo Lacan esta é a única verdade possível, a verdade da castração, pois a relação sexual só pode existir enquanto incestuosa ou assassina e é imperioso nos livrarmos dela. Com isso Miller se diverte dizendo que Hans, com sua fobia, faz a mesma pergunta de Lenin - que fazer? E que sua resposta é - *façamos o pai*.

A fantasia da girafa faz conjunção com o temor de que “o cavalo entrasse em seu quarto” e permite a Freud deduzir que Hans tinha medo de seu pai, porque tinha desejos parricidas. Os detalhes do cavalo de que Hans tinha medo, o preto na boca e as coisas na frente dos seus olhos (o bigode e os óculos), são traços que autorizam a transposição, a metáfora do cavalo ao pai.

Por causa do cavalo

Dito isto, aparecem os objetos de que Hans tinha medo - cavalos, carroças, ônibus, sobretudo de cavalos *caindo*. Podemos agora procurar a relação entre a angústia e seus objetos. Os significantes-objetos das fobias são escolhidos na realidade mais cotidiana. No caso de Hans eram objetos cotidianos da rua à frente de sua casa onde se situava a Central da Alfândega. Hans tinha ido passear com sua

mãe quando viu um *cavalo de ônibus* cair e escoicear. A queda do cavalo agitou seus desejos inconscientes e desencadeou sua crise de angústia.

Sua fobia atravessou de cavalo que cai, a cavalo que morde, até chegar ao medo do pai. Quando o complexo paterno, o complexo de castração assume a dianteira, isto significa que o complexo materno, o complexo de Édipo conheceu sua dissolução. Por isso Hans passa a se interessar pelo “*Lumpf*”, pelas fezes, e se equívoca ao dizer “*Strumpf*”, meias. Revela a Freud que “ficou com a bobagem”, assim ele chamava sua fobia, “*por causa do cavalo*”. Isto chama a atenção de Freud porque “*Wegen dem Pferd*” faz equívoco homofônico com *Wägen* veículos. Freud lembra² que jamais se deve esquecer como as crianças tratam as palavras, mais concretamente do que o fazem os adultos, como *lhe* são tão significativas as semelhanças sonoras das palavras. Também lembra, na mesma nota, que um objeto fóbigeno de hoje foi um objeto de gozo de outrora. Dito de outra maneira, a criança e o adulto interpretam com *alíngua*.

Hans introduz então a fantasia do encanador, do bombeiro, como é conhecida: o bombeiro desaparefuso a banheira e bateu no seu estômago com sua grande broca. Freud chama a isso de *fantasia de procriação*. Hanna, sua irmãzinha, entra em cena. Hans desejava a morte dela. Isso é o efeito da *invidia*. Hanna era um *lumf* (era assim que Hans pronunciava), os bebês nascem como *lumfs*. Compreende-se então que as carroças, os carrinhos, os ônibus eram carroças de caixas de cegonha, eram significantes da gravidez. Assim quando um cavalo *caiu*, Hans viu nisso “*ein Niederkommen*”, um parto. Portanto, o significante cavalo *caindo*, era um significante que servia para tudo, servia tanto para representar o parto quanto a ineficácia do pai para interditar o gozo incestuoso. E mesmo ao servir para representar o parto, estava representando o aparecimento no real de um objeto que viria interditar a relação imaginária da criança e sua mãe. Donde Hanna é um pai, um objeto de interdição do gozo.

A fantasia de perder o trem, que se segue, parece querer satisfazer o desejo de casar seu pai com sua avó. A fantasia de pagar ao guarda para deixá-lo andar na carreta parece satisfazer o desejo de comprar sua mãe. Devemos ter o cuidado de não transformar essas relações lógicas em analogias, com fez Klein. O que temos aí,

² Ver nota de rodapé à pág. 68, *op. cit.*

nestas proposições são conjunções, disjunções, equivalências simbólicas, implicações, identidades, enunciações, metáforas, metonímias, performatividades, constataatividades. É assim que devemos entender que uma carroça pesadamente carregada representa uma mãe grávida, que um cavalo caindo significa o parto de um bebê. São significações fálicas, deduzidas a partir dos equívocos dos significantes - *Lumpf, Strumpf, Wegen, Wagen, Niederkommen*, significantes de *alíngua*.

ISTO É A FOBIA

Peca pela incompletitude uma reportagem que destaca os aspectos biológicos, psicológicos e pedagógicos da formação e da dissolucao de uma fobia sem incluir na abordagem seu aspecto lingüístico. A fobia é um fenômeno de linguagem. Aliás, tudo o que pode ser compreendido pelo homem é feito de linguagem.

Pode-se dizer também que a fobia é o brasão da verdade, ou melhor, da impossibilidade de dizer toda a verdade. A impossibilidade da toda verdade é devida à limitação da linguagem simbólica, ou de seu material, o significante. Essa limitação não é déficit. É que os fatos acontecem simultaneamente e a linguagem só pode descrevê-los sucessivamente.

A fobia é um enigma. Para decifrá-la é preciso lançar mão de recursos sutis como o "strange loops", isso que se pode notar na *Musikalisches Opfer* de Bach, em um desenho como o *Waterfall* de Escher ou no teorema da incompletude de Gödel (cf. Hofstadter); em um escrito como o *Finnegans Wake* de Joyce, nos *mots-valise* de Lewis Carroll ou na *Verdichtung* de Sigmund Freud.

Para decifrar um enigma, às vezes é preciso fazer uso de recursos translingüísticos, tal como fez Derrida para ler a frase de Joyce: "And shall not Babel be with Lebab? And he war". Foi-lhe preciso lançar mão ora do inglês, ora do alemão, para chegar a traduzir esse "And he war", seja por "E ele guerra" ou "E ele faz a guerra" ou "E ele foi" ou "E ele foi verdadeiro" (cf. Medeiros).

Um sintoma fóbico tem esse tipo de complexidade significante. Freud decifrou a fobia do menino Hans ao distinguir a homofonia entre *Wegen* e *Wägen* na frase *Wegen dem Pferd* (por causa do cavalo). O caso é de 1909. Como se verá, Freud antecipa Saussure, o fundador da lingüística moderna. Permita-me citá-lo, uma vez que ele não foi sequer evocado na reportagem:

‘*En*: “E como foi que você ficou com a ‘bobagem?’”

‘*Hans*: “Foi porque eles ficavam dizendo ‘por causa do cavalo’, ‘por causa do cavalo’” (ele acentuou com ênfase o ‘por causa’.” [*Wegen dem Pferd*]).

Devo explicar que Hans não afirmava que havia ficado com a 'bobagem' *naquela época*, mas sim *em relação* à brincadeira. Com efeito, não há dúvida quanto a isso, de vez que as considerações teóricas estabelecem necessariamente que aquilo que é hoje o objeto de uma fobia, no passado deve ter sido também a fonte de um elevado grau de prazer. Ao mesmo tempo devo completar aquilo que o menino era incapaz de expressar, e acrescentar que a pequena palavra '*wegen*' ['por causa de'] foi o meio que favoreceu a fobia estender-se, desde cavalos, até '*Wagen*' ['veículos'], ou '*Wägen*' [que se pronuncia exatamente como '*wegen*'], como Hans estava acostumado a

pronunciar e a ouvir pronunciarem. Jamais se deve esquecer como as crianças tratam as palavras, mais concretamente do que o fazem as pessoas adultas, e, em conseqüência, como também lhes são tão significativas as semelhanças sonoras das palavras.

A fobia é um *Working in Progress*. Um dia ela irá se configurar em um discurso histérico, tendo ou não antes se configurado como um sintoma obsessivo, ou permanecerá como um sintoma inacabado, imperfeito. O objeto de uma fobia deve ter sido no passado um objeto de gozo. Dizer que a violência, o stress e as condições da vida moderna facilitam a fobia é uma boa ilustração do que se chama de discurso corrente. Há cem anos, Beard isolou a neurastenia afirmando que havia descoberto um sintoma específico do solo americano (do *American way of live*). Continuamos a repetir essa mesmice.

Apreciei, de preferência, o caso do menino Herbert Salles, porque aponta um elemento estrutural na constituição de todo sintoma mental e, em especial, de uma fobia: a identificação. A identificação é o signo inconsciente de um ponto de congruência entre dois sujeitos. A congruência reside no usufruto comum ao sintoma. A incidência de mais de um caso na mesma família, não é evidência de uma determinação genética, mas de uma determinação baseada em uma identificação. Ao contrário do que a reportagem sugere, o caso Salles mostra também, de preferência, a relação estreita entre fobia e obsessão e a relação longínqua entre fobia e depressão.

Há o caso do sujeito que se recusa a sair de sua casa porque a polícia pode confundir-lo com um traficante de drogas. Não para de pensar nesse assunto que lhe causa ansiedade. Ele se aflige quando se descuida e diz a seu filho: vá **escovar** os **dentes**, porque teme que sua frase se preste a mal-entendidos tais como: **entregar** as **drogas**, dada a relação de congruência entre as letras [**e** e **d**].

Há sempre elementos necessários e contingentes na formação de uma fobia. Por isso sua dissolução não pode ser concebida como cura no sentido cirúrgico do termo. O que um "tratamento mental" pode fazer por um sujeito fóbico é lhe fazer saber por que está peado a esse sintoma. A partir daí é possível que isso pare de se escrever.